

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

**PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO:
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A ATUAÇÃO NA ÁREA DA
SAÚDE**

Melissa Rodrigues de Almeida (Universidade Federal do Paraná/UFPR, Curitiba, Paraná; Doutoranda UNESP, Botucatu, São Paulo)

contato: melissa.r.almeida@gmail.com

Palavras-chave: Sofrimento psíquico. Saúde. Desenvolvimento. Psicopatologia.

A Psicologia Histórico-Cultural teve sua entrada no Brasil apenas a partir dos anos 1980 (DELARI JR, 2012) e, ainda assim, por meio de poucas das obras dos principais autores soviéticos, como Vigotski, Luria e Leontiev. A difusão desta teoria psicológica ocorre inicialmente em dois campos, Educação e Psicologia Social. Embora muitos estudos destes autores versem sobre problemas relacionados com o campo da saúde, percebemos ainda hoje, pelo menos no Brasil, pouca produção teórico-prática especificamente nesta área. Ao mesmo tempo, temos um aumento da inserção profissional da psicologia em serviços de saúde, o que demanda um arcabouço teórico e metodológico que oriente a atuação de psicólogos e psicólogas fundamentados na Psicologia Histórico-Cultural. Ainda que os princípios e diretrizes tenham uma base comum em qualquer área de atuação, temos notado a importância de desenvolver estudos e pesquisas que sistematizem e avancem na discussão de temas que são específicos à saúde.

Para tanto, temos buscado contribuições no campo da Saúde Coletiva de orientação marxista, que tem um acúmulo consistente no entendimento da saúde-doença como um processo social, fornecendo subsídios para a compreensão do sofrimento psíquico.

Em primeiro lugar, a respeito do conceito de sofrimento psíquico, temos debatido a melhor expressão para designar esse nosso objeto de estudo, mas na impossibilidade, por ora, de reflexões mais aprofundadas a este respeito, adotaremos provisoriamente a expressão sofrimento psíquico, com o cuidado de evitar uma aceção dualista da saúde-doença, que contraponha o psíquico ao físico. Não há dúvidas que todo processo de adoecimento ou sofrimento envolve o nexos biopsíquico humano, em sua totalidade. Do mesmo modo, um

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

cuidado especial para não tomar como patológicos os processos de sofrimento que são parte da vida, tal como se dá com a medicalização da vida.

Outro motivo para o uso desta expressão é que termos como "doença mental" ou "transtorno mental", utilizados amplamente pela psiquiatria, carregam concepções ligadas ao campo biomédico ou da multicausalidade, em geral, com conotação negativa, trazendo o peso de serem consideradas "doenças crônicas e incuráveis". Em contrapartida, a saúde-doença entendida como processo dinâmico coloca-nos que o sofrimento psíquico não é exclusividade de um grupo de pessoas predispostas por características biológicas ou psíquicas, mas produzido no movimento da vida e determinado socialmente, ainda que a partir de tais características. Portanto, todos estamos sujeitos em algum momento, a depender de algumas condições, em maior ou menor grau, ao sofrimento.

Parece-nos que a reflexão de Kinoshita et al (2016) produzida no campo da reforma psiquiátrica brasileira, apesar de exterior ao campo marxista, nos propõe uma definição coerente com nossos pressupostos a respeito do sofrimento:

O sofrimento, por sua vez, é compreendido como um estado em que esse esforço por unidade e coerência se encontra diante de obstáculos em que as mediações não são efetivas na preservação de unidade e que levam a pessoa a uma estagnação e à percepção ou sentimento da iminência de decomposição. Isso ocorre não somente como processo biológico ou orgânico, mas fundamentalmente como parte da experiência de vida que corresponde a um mal-estar, desconforto ou dor, a qual bloqueia a dinâmica de transformações nos sujeitos, enrijecendo a forma como esses se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o ambiente. (KINOSHITA; BARREIROS; SCHORN; MOTA; TRINO, 2016, p. 52)

Assim, podemos entender o sofrimento psíquico como um processo produzido ao longo da vida, na dialética singular-particular-universal e que produz obstruções nos modos de andar a vida. Do mesmo modo, as possibilidades de atuação para alívio ou superação do sofrimento devem levar em conta essa relação.

De acordo com Oliveira (2005, p. 26), uma questão fundamental para a atuação em psicologia é entender "como a singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação?". Assim, buscaremos refletir sobre cada um desses âmbitos na relação específica com o sofrimento psíquico.

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

Donnangelo (1982/ 2014) nos explica que o processo saúde-doença se passa no âmbito social e no âmbito individual. No âmbito social porque a forma como os seres humanos produzem suas vidas e organizam suas relações cria condições limites para determinadas formas de saúde-doença. Ao mesmo tempo, os indivíduos vivem e morrem biologicamente e psiquicamente, estando assim, a doença, incrustada no nível biopsíquico. É, portanto, no âmbito individual que a doença se expressa, seja na tuberculose, na hipertensão ou na depressão. E do mesmo modo, tal expressão é determinada socialmente pelas condições particulares de vida das pessoas conforme seu momento histórico, sua posição social de classe, sua inserção no processo de trabalho etc.

Consideramos, portanto, o indivíduo em sofrimento, como a dimensão singular nessa relação, já que "a singularidade se refere às definibilidades exteriores irrepetíveis do fenômeno em sua manifestação imediata, acessível à contemplação viva" (PASQUALINI, MARTINS, 2015, p. 364) e contém em si determinações universais.

A dimensão universal, sendo entendida como os traços essenciais, as leis gerais que regem o desenvolvimento de um dado fenômeno (PASQUALINI, MARTINS, 2015), está sendo aqui considerada como o processo de reprodução social da vida. A reprodução social é constituída da relação produção-consumo mediada pela distribuição, ou seja, o modo como dada sociedade por meio de suas relações organiza a produção, a distribuição e o consumo (BREILH, 1991), o que se expressará particularmente em padrões de desgaste e reprodução. "É, pois, a combinação entre o desgaste e a reprodução que determina a constituição das formas históricas específicas biopsíquicas humanas" (LAURELL, 1989, p. 116). Neste contexto, o desgaste é entendido como a perda de capacidade potencial e/ou efetiva biológica e psíquica, que pode se expressar como patologia; e a reprodução, como reposição e desenvolvimento de capacidades nos indivíduos (LAURELL, 1989). Assim, as leis gerais de desenvolvimento da sociedade capitalista, sua forma de organização e suas relações sociais (envolvendo aspectos econômicos, políticos, ideológicos), constituem a dimensão universal do processo de adoecimento em geral e do sofrimento psíquico em particular. Como diz Laurell (1989, p. 116), "enquanto o trabalho - como já se havia dito - sob o capitalismo é trabalho alienado e implica o uso deformado e deformante tanto do corpo quanto das potencialidades psíquicas, converte-se numa atividade cujo componente desgastante é muito maior que o da reposição e desenvolvimento das capacidades". Entendemos que esses padrões

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

gerados no processo de trabalho, por meio de variados mecanismos, estende-se para a vida social em geral, atravessando as relações familiares, comunitárias, escolares e dos diferentes espaços da vida social. A sociabilidade capitalista gera, portanto, padrões de desgaste e reprodução particulares nos mais variados grupos sociais que condicionam o modo de ser do singular, a depender dos grupos sociais a que cada indivíduo tome parte.

Por conseguinte, a forma pela qual se combinam desgaste e reprodução gera perfis patológicos específicos que se expressam também nos indivíduos singulares. Assim, faz-se importante entender o capitalismo em geral e seus mecanismos atuais de reprodução social, resultantes do processo de reestruturação produtiva desde a década de 1970, e como esse movimento impacta na constituição de perfis patológicos, ampliando a prevalência do sofrimento psíquico como uma forma expressiva de adoecimento.

Para além das características essenciais do capitalismo - tais como a propriedade privada dos meios de produção e as relações sociais de assalariamento, que geram uma intensa desigualdade social pela acumulação privada das riquezas produzidas socialmente e profundos níveis de alienação -, temos as especificidades deste período denominado de acumulação flexível. Por meio de inovações tecnológicas e de novas formas de gestão, produziu-se não a possibilidade de liberação dos seres humanos de cargas de trabalho deletérias, mas o aprofundamento da exploração capitalista. Flexibilizaram-se os vínculos e direitos trabalhistas, os locais de trabalho, os horários, acompanhados de uma intensificação do ritmo de trabalho, com multitarefas, assédio, estabelecimento de metas muitas vezes inalcançáveis, eliminação de 'poros'. Tudo isso gera um perfil epidemiológico em que prevalecem as doenças crônicas, como LER, doenças cardiovasculares, cânceres e os transtornos mentais.

Conforme Breilh (1991, p. 198), "O processo saúde-doença constitui uma expressão particular do processo geral da vida social". As formas específicas de adoecimento são resultantes de determinados padrões de desgaste e reprodução, os quais nos remetem à dimensão particular. Isso porque, como particularidade, viabiliza a mediação entre o singular e o universal, já que "expressa a universalidade e condiciona o modo de ser da singularidade" (PASQUALINI; MARTINS, 2015, p. 366).

É evidente que deste processo os indivíduos não participam nas mesmas condições, mas condicionados por diversas particularidades, como sua posição de classe, a atividade de

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

trabalho específica que realiza (seja ela como professor, operário, psicólogo, vendedor etc.), a condição de gênero, entre outras. Do mesmo modo, os padrões de desgaste e reprodução de cada um desses grupos sociais dos quais o indivíduo participa passa a condicionar seu modo de ser, podendo expressar-se como sofrimento psíquico. Quando isto ocorre, também o sofrimento impacta sobre o indivíduo, já que se restringem suas possibilidades de inserção no mundo do trabalho ou mesmo torna-se necessário seu afastamento; limitam-se suas possibilidades de consumo; estreitam-se suas relações sociais e vínculos, coloca-se um processo de isolamento social. Nota-se, pois, que aparecem em níveis alarmantes vários processos de sofrimento, como a depressão, os transtornos de ansiedade ou a síndrome de burnout. Esta última, também conhecida como síndrome do esgotamento profissional, caracteriza-se por um estado de tensão emocional e estresse crônico provocado por condições de trabalho desgastantes. Parece-nos um exemplo emblemático do quanto os processos de intensificação aliados à alienação no trabalho produzem consequências graves sobre os processos biopsíquicos humanos.

Ratner (1995), ao tratar das psicoses, aponta para a existência de dois tipos de práticas sociais debilitadoras: 1) eventos específicos, anômalos e desintegradores, tais como guerras, desemprego, imigração; 2) comportamentos normativos vigentes, como competição, pobreza, condições de trabalho alienadoras, discriminação. Com isso, o autor destaca a gênese social do processo de sofrimento e desintegração psíquica, como exemplificado acima. Cabe-nos, portanto, ao refletir sobre as diferentes formas de expressão do sofrimento psíquico, questionar sua origem e desenvolvimento no indivíduo buscando sua constituição social.

Para isso, a Psicologia Histórico-Cultural tem significativas contribuições com a afirmação do caráter dialético do desenvolvimento humano. Vigotski define o desenvolvimento infantil como

[...] um complexo processo dialético que se distingue por uma complicada periodicidade, a desproporção no desenvolvimento das diversas funções, as metamorfoses ou transformação qualitativa de umas formas em outras, um entrelaçamento complexo de processos evolutivos e involutivos, o complexo cruzamento de fatores externos e internos, um complexo processo de superação de dificuldades e de adaptação (VYGOTSKI, 2000b, p. 141, tradução nossa).

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

Isto posto, depreende-se que o desenvolvimento inclui mudanças evolutivas e revolucionárias, retrocessos, falhas, movimentos em ziguezague e conflitos. Nesse cenário, desenrolam-se também os processos que produzem as desintegrações e o sofrimento psíquico. Como nos alerta Vigotski, “Não é importante saber somente que enfermidade tem uma pessoa, senão também que pessoa tem determinada enfermidade.” (VYGOTSKI, 1997, p. 134). Com isso, questionamo-nos sobre que lugar a enfermidade ocupa no sistema da personalidade de cada indivíduo e como esta vai se constituindo no processo de desenvolvimento.

De acordo com Martins (2004, p. 86), a personalidade é a "autoconstrução da individualidade por conquista de sua genericidade, ou seja, síntese de processos biológicos e psicológicos que em interação dialética com o meio transforma o indivíduo de maneira criadora e autocriadora graças à ação e consciência".

Se, como nos ensina Vygotski (2000b, p. 337), “A personalidade é o social em nós”, o indivíduo em sofrimento deve ser entendido a partir da especificidade de seu processo de adoecimento (seja ele expresso na forma de depressão, ansiedade, dependência de substâncias psicoativas ou outro), mas não apenas. Antes de tudo, deve-se tomá-lo em sua totalidade como pessoa, que tem determinadas necessidades, com uma dada história de vida singular, que vive certas relações de exploração e de opressão. Assim, ao mesmo tempo que precisamos entender a especificidade do processo de sofrimento vivido pelo indivíduo, o que sem dúvidas modifica a dinâmica de sua personalidade, devemos ter o cuidado para não tomar o singular definido e circunscrito pela lente do sofrimento.

Sendo assim, observamos três princípios gerais que regem o desenvolvimento da personalidade: 1) a especificidade dos vínculos do indivíduo com o mundo; 2) o grau e organização da hierarquização das atividades em relação aos motivos; 3) o grau de subordinação da organização das atividades em relação aos motivos ante os níveis de consciência sobre si e autoconsciência (LEONTIEV, 1978; MARTINS, 2004).

Entendemos também que é nesse decurso que os processos patológicos se produzem, quando há destruição e falseamento da sucessão de motivos, diminuindo sua função na formação de significados; quando há destruição de processos já formados de motivos e necessidades; ou quando se formam novos motivos, patologicamente alterados, dando origem a novas propriedades e características na personalidade (ZEIGARNIK, 1976).

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

Ao considerar essa dinâmica entre o desenvolvimento e a patologia na produção do sofrimento psíquico sob relações sociais capitalistas, evidencia-se o impacto da alienação. Por exemplo, no que diz respeito aos vínculos do indivíduo com o mundo, temos relações cada vez mais competitivas, de alienação em relação aos outros seres humanos, mediadas por interesses mais imediatos e pontuais. Além disso, não podemos esquecer que tais vínculos dependem necessariamente também da classe social a que o indivíduo pertence e do conjunto de objetivações culturais a que ele tem acesso como decorrência desta posição. Ao pensar na hierarquização das atividades em relação aos motivos, quando atravessados por relações alienantes, os motivos são muitas vezes relacionados a necessidades muito imediatas e em geral destituídos de sentido para a vida, bem como as atividades do indivíduo. Isso levará a profundas dificuldades na subordinação destas atividades à consciência sobre si e à autoconsciência, já que o próprio desenvolvimento de autoconsciência está obstado pela alienação.

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a mediação aparece como fundamental para explicar a passagem para as funções culturalmente desenvolvidas. O uso de instrumentos e de signos modifica radicalmente a atividade humana, produzindo novas necessidades, capacidades e potencialidades. Parece-nos que nos processos psicopatológicos, as funções psíquicas e a atividade tornam-se mais imediatas, isto é, menos mediadas. Assim, as condutas se tornam mais impulsivas, levando a um menor autodomínio sobre as funções psicológicas e sobre a conduta em geral. Isso se relaciona a alterações nos nexos entre as funções psicológicas e em sua hierarquização. Ao longo o desenvolvimento, esses nexos se modificam, como explica Vigotski:

A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, **o que muda não são tanto as funções**, tal como tínhamos considerado anteriormente (era esse nosso erro), nem sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, **mas o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexo das funções entre si**, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior (VIGOTSKI, 1999, p. 105).

Partindo disso, refletimos sobre as mudanças nos nexos entre as funções nos processos de sofrimento psíquico. Complementarmente, Vigotski (2000a) afirma que a diferença entre aqueles considerados saudáveis e doentes mentais ou entre diferentes doentes mentais não

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

está nas leis da vida psíquica ou em algo que estes não têm, mas na hierarquia das funções, em seus nexos. Isto quer dizer que no processo psicopatológico certas funções ganham (ou perdem) uma função reguladora para a pessoa, modificando a hierarquia do sistema psicológico. Como exemplo, Vigotski (2000a) cita que todos podemos ter ideias delirantes, mas a diferença está em acreditar ou não no delírio, ou seja, no papel que ele cumpre na personalidade.

Mas uma questão que fica é: se no sofrimento psíquico há uma desintegração que algumas vezes atinge todo o sistema da personalidade, é possível reconstituir o que desagregou?

A psiquiatria tem consensuado que o "transtorno mental" é crônico e incurável. Considerando que é resultado de processos da vida, é de fato impossível eliminar o sofrimento como parte da história de um indivíduo. No entanto, o impacto biopsíquico produzido pelo sofrimento intenso pode ser modificado e reorganizado, desde que se ofereçam mediações adequadas para esse processo. De acordo com Vigotski, há uma tendência psíquica de compensação social, pois o caminho da melhoria passa pela superação dos impedimentos, o que produz uma reação da personalidade a esses limites (VYGOTSKI, 1997; SILVA, 2014).

Assim, entendemos que é possível que com mediações adequadas e com outras possibilidades de relações de apropriação e objetivação, a pessoa em sofrimento possa recuperar níveis de atividade, desenvolver capacidades, reconstituir motivos ou produzir novos motivos, levando a novos nexos entre as funções. No entanto, sabemos que os interesses da classe dominante na sociedade capitalista subordinam o desenvolvimento e a saúde dos indivíduos à lógica da exploração e da apropriação privada da riqueza. Logo, ao capitalismo, que alija as pessoas de desenvolverem-se, produzindo adoecimento e sofrimento, pouco interessa investir em estudos e pesquisas que contribuam para produzir essas mediações e consequentemente favoreçam um desenvolvimento humano mais pleno. Pelo contrário, restringe-se à busca por amortecer o sofrimento somente na medida do necessário à manutenção da lógica da produção. Cabe-nos, entretanto, indagar, o papel da psicologia nesse processo.

Sem dúvida, sistematizar e aprofundar conhecimentos sobre o sofrimento psíquico comprometidos com os interesses da classe trabalhadora e guiados pela compreensão da

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

dialética singular-particular-universal é de suma importância. Como diz Basaglia (1979), é fundamental que os técnicos (sejam estes profissionais de psicologia ou não) estejam ligados à classe trabalhadora na direção de sua emancipação.

Referências

BASAGLIA, F. Saúde e Trabalho. In: _____. **A psiquiatria alternativa:** contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática. Conferências no Brasil. São Paulo: Brasil Debates, 1979.

BREILH, J. **Epidemiologia:** economia, política e saúde. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista: Fundação para o Desenvolvimento da UNESP: Hucitec, 1991.

DELARI JR., A. O sujeito e a clínica na psicologia histórico-cultural: diretrizes iniciais. Mimeo. Umuarama-PR. 2012. 17 p. Disponível em: <http://www.vigotski.net/clinica-ufms.pdf>

DONNAGELO, M. C. A conceptualização do social na interpretação da doença: um balanço crítico. [1982] In: CARVALHEIRO, J. R.; HEIMANN, L. S.; DERBLI, M. **O social na epidemiologia:** um legado de Cecília Donnangelo. São Paulo: Instituto de Saúde, 2014.

LAURELL, A. C. Primeira parte. In: _____. LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde:** trabalho e desgaste operário. São Paulo: Hucitec, 1989.

LEONTIEV, Alexis N. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte, 1978.

MARTINS, L. M. A natureza histórico-social da personalidade. **Caderno CEDES,** Campinas, SP, v. 24, n. 62, p. 82-99, 2004.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A., SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F (orgs.). **Método histórico-social na psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade,** v. 27, n. 2, p. 362-371. 2015.

RATNER, Carl. Loucura. In: RATNER, Carl. **A Psicologia sócio-histórica de Vygotsky:** aplicações contemporâneas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SILVA, M. A. S. **Compreensão do adoecimento psíquico:** de L. S. Vigotski à Patopsicologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

III EVENTO DO MÉTODO E METODOLOGIA EM PESQUISA NA
ABORDAGEM DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

ISSN: 2318-1220

Universidade Estadual de Maringá

17 a 19 de Novembro de 2016

VIGOTSKI, L. S. Sobre os sistemas psicológicos. In: _____. **Teoria e método em psicologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, nº 71, p. 21-44, jul. 2000a.

VYGOTSKI, L. S. Fundamentos de Defectologia. **Obras escogidas**. Tomo V. 2. ed. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo III. 2. ed. Madrid: Visor, 2000b.

ZEIGARNIK, B. V. **Psicopatología**. Madrid: Akal, 1976.